

# ***O Castelo de Ródão e a Capela da Senhora do Castelo (Vila Velha de Ródão)***

***João Carlos Caninas \*, Francisco Henriques \* e Jorge Gouveia \****

## **Introdução**

Em 1990 a Associação de Estudos do Alto Tejo / Núcleo Regional de Investigação Arqueológica elaborou , a pedido do então Presidente da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, Inspector Baptista Martins, uma proposta de classificação do castelo de Ródão e da capela da Senhora do Castelo (HENRIQUES & CANINAS, s/d).

Esse trabalho conduziu à classificação daquele conjunto como imóvel de interesse público, através do Decreto nº 45/93 de 30 de Novembro. O presente texto baseia-se em grande parte na proposta então elaborada.

## **1. Território, Tradição e História Local**

O castelo de Ródão e a capela da Senhora do Castelo situam-se em duas plataformas rochosas encaviladas numa crista quartzítica, regionalmente designada serra do Perdigão ou serra das Talhadas, e localizam-se no concelho de Vila Velha de Ródão (Fig. 1). Estas duas plataformas, com altitudes da ordem dos 300m, ocupam o topo do morro norte do mais notável estrangulamento do rio Tejo em território português que são as Portas de Ródão (1).

Os dois edifícios, apesar das diferenças funcionais, constituem um conjunto patrimonial de muito interesse, pela proximidade física, dado que estão distanciados entre si cerca de 150m (Fig. 2), e pela tradição, que associa a santa da devoção local ao castelo.

Em linguagem simples, diríamos que as Portas de Ródão foram geradas pelo processo de instalação do rio Tejo num corte produzido pela falha do Ponsul na crista quartzítica. A montante e a jusante desta garganta e ao longo da citada falha existem bacias tectónicas que, no contacto com o Tejo, porporcionam margens baixas e um acesso mais fácil ao rio (2).

Um exemplo, moderno, desse acesso fácil ao rio, foi a existência de um porto fluvial na margem direita do Tejo, junto a Vila Velha de Ródão, no local denominado Porto do Tejo (3), ou ainda a arte da pesca, extinta em Vila Velha mas activa nas aldeias do Duque e do Arneiro, situadas na margem esquerda do Tejo a jusante das Portas (concelho de Nisa).

Além disso, esta área funcionou desde longa data como ponto de encontro de diversas rotas e vias de comunicação. As rotas da transumância, entre a Estrela e o Alentejo, passariam por aqui. Em tempos modernos, diversas invasões militares, dirigidas a Lisboa, vieram pela entrada natural da Beira Baixa e tentaram contornar as montanhas situadas na parte ocidental desta província, passando o Tejo em Ródão. A partir do século XIX esta rota foi reforçada com a construção de uma ponte e o desenvolvimento de uma rodovia (a estrada nacional 18).

Entre Lisboa e Ródão, o rio Tejo funcionou como via de transporte e comunicação, alargada a várias cidades de Espanha na época Filipina. Também a partir do século XIX esta via foi substituída por uma outra, paralela, a linha de caminhos-de-ferro da Beira Baixa, que inflecte para norte, afastando-se do Tejo, precisamente em Ródão.

A zona das Portas de Ródão, onde se situam os dois imóveis em apreço, constitui pois uma zona singular, diríamos mesmo estratégica, como o demonstram diversas estruturas, umas destinadas a facilitar a passagem outras a impedi-la.

As Portas de Ródão ocupam também um espaço importante no imaginário local. Apoiada em vários acidentes naturais ou antrópicos (4), a tradição oral regista diversas lendas (5). A mais notável é a lenda do rei Vamba ou Maldição de Ródão (SOROMENHO 1965, HENRIQUES 1974b).

A lenda fala do amor adúltero de uma rainha cristã (uma vez identificada como mulher do rei Vamba, outras como princesa Urraca), que vivia no Castelo de Ródão, com um rei mouro residente do outro lado do rio, nos Castelinhos da Senhora da Graça, a norte de Nisa, sítio onde existe um povoado proto-histórico (?). Diz a lenda

que se namoravam sentados em cadeiras de pedra situadas num e noutra lado das Portas, enquanto o rei cristão andava na caça ou na guerra. Diz-se ainda que o rei mouro decidiu raptar a rainha cristã. Com esse fim escavou um túnel, com início no Buraco da Faíopa (mina antiga situada na encosta ocidental da serra de São Miguel), para passar por baixo do rio. Mas falhou o propósito e o túnel (que não existe) terminou a grande altitude, no morro sul das Portas de Ródão, onde existe uma cavidade a que chamam Buraca da Moura.

O rei mouro acabou por fugir com a amante que atravessou o rio sobre uma teia de linho. Segundo a lenda, o rei Vamba conseguiu raptar a mulher. Esta foi julgada em tribunal familiar que a condenou à morte por despenhamento presa a uma mó (6). Na queda a rainha lançou a seguinte maldição sobre Ródão: "*nesta terra não haverá cavalos de regalo, nem padres se ordenarão e putas não faltarão*". Por onde a rainha passou, arrastada pela mó, jamais nasceu mato.

O castelo tal como hoje se apresenta é o produto de sucessivas reconstruções, a última das quais terá ocorrido no início do século XIX, por ordem do Marquês de Alorna. É possível conjecturar a sua existência até pelo menos ao século XII, integrada na Açafa, um território doada por D. Sancho I à Ordem do Templo, em 1199 (7), embora se admita uma fundação anterior ainda em época medieval (8).

A avaliar pelas suas características e localização teria funcionado como atalaia ou torre de vigia, em articulação com uma fortaleza principal (NUNES 1982). Uma torre de vigia, mais complexa do que as comuns, possuindo, inclusivamente, uma linha de muralhas a rodeá-la por completo e oferecendo condições de alojamento para uma pequena guarnição.

À época da doação os Almóadas recuperam os territórios situados a sul do Tejo, antes perdidos a favor dos portugueses. Depois da ofensiva do califa almóada al-Mansur, em 1190-91, a fronteira manteve-se no rio Tejo durante quase um século. Importava por isso manter esta fronteira vigiada contra as incursões provenientes do sul.

A partir dos tempos modernos o Castelo viria a ser utilizado, em particular no séculos XVIII e XIX, como base de artilharia, tendo em vista impedir a passagem do Tejo, de norte para sul e, conseqüentemente, a entrada no Alentejo, de acordo com uma rota de invasão através da Beira Baixa. Foi o que sucedeu durante a Guerra dos Sete Anos e na 1ª Invasão Francesa.

Durante a Guerra dos Sete Anos, nos meados do Séc. XVIII, o Castelo de Ródão foi palco de movimentos militares onde estiveram em oposição tropas luso-britânicas e hispano-francesas. O controlo da passagem do Tejo, que estava integrada na estrada Castelo Branco-Nisa, veio a ser efectuado através da instalação de peças de artilharia nos altos da serra da Vila (sítio denominado Batarias, no morro sobranceiro à actual ponte sobre o Tejo, v. Fig. 1).

Ao mesmo tempo a defesa do Castelo e dos cimos de Vila Velha (serra da Vila) ficou a cargo de 500 homens do Regimento de Aveiras, comandados pelo Tenente-Coronel Silva. Diz-nos Luz SORIANO que, "*mais abaixo para o poente, e detrás da montanha, que tira o seu nome, de Vila Velha, está um outeiro, em cuja sumidade se acha edificado o castelo de Vila Velha: é este um mau recinto de muralha de espessura desigual a menos de três pés. O acesso para este castelo é difícil e não pode, sem grandes dificuldades, colocar-se artilharia nas alturas vizinhas para o bater.*"

A tática do comando aliado consistiu em induzir o inimigo a tentar a invasão na direcção de Abrantes, através do território situado entre o Tejo e o Zêzere, praticando uma das diversas passagens naturais que o sistema montanhoso oferecia; no Perdígão, no Ocreza, em Alvito, ou mais a norte. Esta era uma rota que se sabia iria produzir profundo desgaste e a desistência nas tropas inimigas.

Após a conquista das posições no castelo de Vila Velha, mas na impossibilidade de atravessar o Tejo, as tropas inimigas passaram a cadeia montanhosa em Porto Cabrão, hoje Foz do Cobrão, ou seja na passagem do rio Ocreza. Internaram-se neste território mas, mais tarde, retrocederam até Castelo Branco, abandonando a estratégia de invasão pela Beira Baixa.

Com este exemplo se vê a grande importância, para a defesa nacional, de que se revestia, então, o controlo da passagem do Tejo na zona de Ródão e o papel complementar desempenhado pelo castelo, como base de artilharia.

Este local viria a assumir renovada importância no âmbito da estratégia de defesa nacional, com a reconstrução do castelo alguns anos antes da 1ª Invasão Francesa (SANTOS 1977).

Datam do início do século XIX algumas gravuras (HORMIGO 1983), executadas por artistas estrangeiros integrados em missões militares, onde se podem observar representações do castelo de Ródão. O tema central

dessas gravuras é a passagem do Tejo, por contingentes militares, tendo por pano de fundo as Portas de Ródão.

Em 1808, Georges Landeman, oficial inglês, desenhou uma panorâmica das Portas de Ródão e da passagem do Tejo por meio de ponte volante. No canto superior direito divisa-se uma torre quadrangular, cercada por muralha(?), pelo lado sul, à qual o acesso se faz por uma via que sobe em zigue-zague a encosta da serra, a partir da Barroca da Senhora, e refere que " *do cimo do rochedo a norte, a montanha continua a subir até atingir uma altura que excede os mil pés, e no cume erguem-se as ruínas de um velho castelo.*"

William Bradford (Fig. 3) acompanhou as tropas inglesas em Portugal, na qualidade de capelão de brigada. Como artista, registou também um cenário da passagem, frente às Portas de Ródão, ao qual emprestou um considerável realismo. Como elemento indelével na paisagem, surge, no canto superior direito da gravura, a torre do castelo de Ródão. Refere que, "*uma torre e algumas ruínas de muralhas, sobre uma eminência que domina a margem direita da ribeira [o rio Tejo], são os únicos vestígios que deram antigamente alguma importância à aldeia de Vila Velha.*"

Deve-se ao Major Thomas Saint Clair (1811) uma outra panorâmica da travessia do Tejo em Vila Velha pelas tropas aliadas, tendo como fundo, extremamente fantasiada, uma vez mais uma vista das Portas de Ródão e respectivo maciço rochoso. A torre do castelo surge algo informe, confundindo-se com os rochedos e o arvoredado, mas apresentando, a negro, na fachada virada a sul, o sombreado correspondente à porta.

Terminada esta abordagem geral do sítio vamos passar à descrição dos dois imóveis que constituem o essencial deste texto.

## 2. O castelo de Ródão

Este imóvel militar é designado localmente por Castelo de Ródão, Castelo das Vila Ruivas, Castelo do Rei Vamba ou, simplesmente, Castelo das Portas. Apesar da designação adoptada, localmente, deverá antes ser considerado tipologicamente uma torre de vigia (NUNES, 1982). É basicamente constituído por uma torre e uma muralha fechada e não integra nenhuma povoação. Seguidamente iremos descrever cada um destes elementos.

A torre é um paralelepípedo rectângulo com cerca de 7,35m de dimensão horizontal nos lados norte e sul e 10,85m nos lados este e oeste (Fig. 4). Possui cerca de 15m de altura e não apresenta área coberta. A torre é constituída por um piso térreo, hoje parcialmente entulhado por materiais provenientes do seu topo e do exterior. No interior, apresenta um friso, definido pelo adelgaçamento da parte superior da parede da torre, que suportaria um soalho em madeira.

Na parte superior da torre, e em cada uma das quatro faces, há aberturas para o exterior. As aberturas voltadas a este, norte e oeste são semelhantes entre si. São seteiras de recorte rectangular que estreitam progressivamente do interior para o exterior. Passam quase despercebidas a quem as observa de fora.

A abertura da fachada sul do monumento, ao nível do andar superior, corresponde possivelmente à porta. É um espaço definido por grandes blocos paralelepípedicos de granito. A entrada é de recorte rectangular no exterior e tecto abaulado no interior. Podem ainda observar-se os gonzos abertos no granito de ambos os lados da entrada e assentos laterais.

Exteriormente a porta é encimada por um lintel de recorte sub-rectangular, com aletas laterais, sobre as quais assenta a restante estrutura do arco de que fazem parte. As aletas estão demarcadas por um sulco bem vincado. É necessário observar com atenção para concluir tratar-se de uma só peça. Um bloco de configuração quase triangular preenche o espaço existente entre o bloco anterior e o fecho do arco.

No bloco sub-rectangular referido foram lavradas, de forma discreta, cinco linhas horizontais, paralelas (9). Apenas a primeira linha atinge o fim da lápide; as outras são interrompidas para dar lugar a um círculo, dentro do qual foi insculpida a cruz da Ordem do Templo (Fig. 5). O círculo inscreve-se em dois traços paralelos e verticais que o ligam ao rebordo inferior do lintel.

O arco é constituído por cinco aduelas, de granito, e pela peça anteriormente descrita, que integra as duas falsas aduelas ou aletas. A aduela do lado nascente possui uma marca de canteiro em forma de "s" horizontal.

O acesso ao piso térreo, actualmente, é praticado através de um buraco disforme com cerca de 2,80m de altura e 1,80m de largura. Foi aberto para facilitar o acesso ao interior da torre, possivelmente após o seu abandono. As paredes da metade inferior da torre apresentam um reboco parcialmente conservado, que nos leva a admitir ter este espaço servido como armazém ou até como cisterna. As paredes da torre têm uma espessura aproximada de 2,45m, no piso térreo. No andar superior essa espessura é inferior.

Observa-se no exterior, principalmente no piso superior, integrar o aparelho da torre fiadas paralelas de blocos quartzíticos. Como material ligante foi utilizada uma argamassa de cor clara, rica em elementos anti-plásticos, oriundos certamente do rio devido aos muitos fragmentos de conchas que apresenta.

Os cunhais da torre, de alhetas alternadas, são constituídas por blocos graníticos paralelepípedicos (juntoiras). O cunhal sudoeste já não apresenta juntoiras. Do cunhal sudeste desapareceu o terço inferior. Dos cunhais noroeste e nordeste desapareceram, de cada um deles, cerca de quatro juntoiras. Informaram-nos, há muitos anos, que os blocos em falta foram retirados para serem instalados nas bocas dos fornos em aldeias vizinhas; o granito é indicado para esta função, não existe na região e já se encontra devidamente talhado.

A torre está descentrada no espaço intramuros. A muralha aproxima-se da torre no lado norte (5,70m), afasta-se consideravelmente no lado sul (41m), dista 6,55m no lado oriental e 11m no lado ocidental. Do lado ocidental, entre a torre e a muralha, observa-se grande acumulação de pequenos blocos quartzíticos que devem ter pertencido a construções (alojamentos?). Há alguns anos, foram abertos dois buracos em frente da face sul da torre. A parte central do recinto é ocupada por afloramento quartzítico.

A muralha foi implantada no primeiro pico situado a norte das Portas de Ródão. Parece ser constituída por dois panos de muralha justapostos e apresenta-se muito derruída em alguns troços. A espessura do pano exterior ronda 1,85m e o pano interior tem 0,90m. Ambos os panos de muralha foram construídos com blocos de quartzito ligados por uma argamassa com as características já indicadas.

Junto da estrada que conduz à capela e ao castelo é visível uma espessa muralha com alguns metros de extensão (HENRIQUES & CANINAS, 1986). A sua disposição, transversal em relação à cumeada, era de molde a fechar o acesso mais fácil ao castelo. Na encosta leste, subjacente ao castelo, e junto do morro norte das Portas de Ródão existem estruturas semelhantes (Fig. 1).

Na tradição local conta-se que o granito utilizado na construção do castelo veio do sítio do Castelejo de Gardete, onde existe um imponente afloramento granítico, único no concelho de Vila Velha de Ródão.

### **3. A capela da Senhora do Castelo**

A capela da Senhora do Castelo é um pequeno monumento situado cerca de 160m a noroeste do castelo (Fig. 6). Assenta numa palataforma de altitude inferior à do castelo. Está bem enquadrada na paisagem, sobressaindo a cor branca das suas paredes.

Inicialmente teria planta rectangular, uma vez que as duas sacristias hoje existentes lhe foram adossadas posteriormente, ficando com planta em T.

O templo tem quatro janelas. Cada sacristia possui uma janela, envidraçadas há poucos anos. As duas restantes foram abertas na fachada do templo, de ambos os lados da porta principal. Estas últimas têm a forma de seteira alargada e estão protegidas com grades de ferro.

A capela tem quatro portas para o exterior, construídas em madeira e de aparência resistente. Cada sacristia tem uma porta, estando viradas respectivamente para norte e poente. As outras duas dão acesso à nave da capela e estão viradas para sul e poente.

A fachada do templo, que está virada a poente (Fig. 7), possui três aberturas para o exterior, como se afirmou. Uma porta e duas pequenas janelas (0,58m x 0,24m) de contorno rectangular, ladeadas em todo o perímetro exterior por uma barra em alto relevo e encimadas por um friso decorativo simples. Têm uma secção bitroncopiramidal.

A porta principal está envolvida por uma barra em alto relevo, semelhante à da janela, e é rematada por um arco de volta redonda. O arranque do arco faz-se sobre duas impostas em tijoleira. Sobre a porta observa-se um nicho vazio. Entre este e o topo da porta está esculpura, em alto relevo, uma pequena vieira.

Um poial simples e rústico acompanha, exteriormente, as paredes sul e poente.

A sacristia do lado norte possui planta rectangular (4,90m x 3,00m). Tem duas aberturas ao exterior; uma porta virada a norte e uma janela a nascente. Uma terceira porta dá acesso directo ao altar-mór. O telhado, de uma água, tem estrutura de madeira. Este compartimento contém um tanque, de betão, com uma pequena abertura fechada com tampa de ferro. Parece de construção recente. Deve ter servido para providenciar as carências de água neste lugar. Três bilhas de barro e um pequeno móvel em madeira muito degradado completam o recheio deste espaço.

A sacristia do lado sul (Fig. 8) é igualmente de planta rectangular (4,87m x 2,93m). Possui duas aberturas ao exterior, já mencionadas, e uma porta de ligação ao altar-mór. O espólio, observado em 1990, reduzia-se a um confessionário simples, a uma escada de madeira e a uma angarela também de madeira.

O corpo principal do templo é composto pela nave (8,98m x 5,00m) e pelo altar-mór (3,90m x 5,15m). A separá-los existe um arco de volta redonda. A nave possui quatro aberturas ao exterior já referidas: duas pequenas janelas, em forma de seteira, uma porta virada a poente, a principal, e uma outra porta virada a sul. O chão é revestido a cimento e o tecto, de três planos em forma de maceira, é forrado a madeira.

Do lado direito de cada uma das portas existe uma pia de água benta. São diferentes entre si. A pia fixada junto da porta principal, em granito de grão grosso, é pequena, singela, semi-esférica e de planta sub-circular. A outra pia, fixada junto da entrada sul, em granito de grão médio, tinha formato tronco-cónico, planta circular e era nervada no seu exterior. Assentava sobre uma base cilíndrica rebocada e caiada a branco. Esta pia foi roubada em Junho de 1994.

O altar-mór é um espaço de planta rectangular (3,90m x 5,11m), com duas portas que dão acesso às respectivas sacristias laterais e um grande arco de 0,53 m de espessura que a separa da nave. O tecto, de três planos, está revestido a madeira pintada de cor azul-acinzentada. O soalho é de dois níveis e está forrado a cimento.

A importância deste templete advém, principalmente, do seu espólio: um altar hodierno, em madeira, sem valor artístico; um silhar de azulejos com motivos mudéjares; uma imagem da Virgem com o Menino, em pedra, e um pequeno altar em talha barroca (Fig. 9).

O frontal de azulejos cobre o altar-mór primitivo (Fig. 10). É uma peça que remonta ao século XVII (HENRIQUES, 1974a). Da superfície lateral norte (0,85m x 1,00m) são unicamente visíveis três azulejos e metade doutro numa única fila vertical. Os restantes sete azulejos e meio estão cobertos com cal. Na superfície restante não há vestígios de azulejos; ou não os há ou estão cobertos com uma espessa camada de argamassa. A superfície frontal (2,00m x 1,00m) está completamente coberta de azulejos. Na superfície virada a sul (0,85m x 1,00m) faltam vários azulejos. Nos últimos anos tem aumentado o número de azulejos roubados.

Os azulejos têm forma quadrangular com 0,13m de lado e cerca de 0,01m de espessura. Os motivos são mudéjares e quando agrupados quatro a quatro formam um círculo espesso que circunscreve um motivo rosáceo. As cores predominantes são o azul, o verde e o castanho claro, aplicadas sobre esmalte branco.

A parte superior do altar é em talha. *"É uma muito regular obra do final do século XVII dentro do estilo da talha barroca a que o especialista Robert Smith chamou estilo nacional. Apesar das pequenas proporções, é sublime o ritmo que as quatro colunas salomónicas, decoradas com folhagens eucarísticas, conchas e cachos de uva, dentro de um naturalismo decorativo ainda pouco vincado imprimem ao todo retabular, rematado por duas espécies de arquivoltas."* (HENRIQUES, 1974a).

Em 1986 as quatro colunas salomónicas foram roubadas. Em Junho de 1994 foi roubado todo o altar de talha. Por razões de segurança e de culto, a imagem de Nossa Senhora do Castelo encontra-se em Vila Ruivas há mais de uma década. A imagem voltava à capela nas ocasiões festivas, ou quando o culto o exigia, em particular na romaria de 15 de Agosto. A capela não voltou a ser usada para actos religiosos desde o roubo do altar de talha.

A imagem da Senhora do Castelo é uma pequena Virgem com o Menino em pedra calcária (Fig. 11). Mede 0,78m de altura. É uma escultura provavelmente do século XVII. Nesta imagem destacamos o tratamento cuidado das mãos e das faces.

A Virgem tem a cabeça parcialmente coberta com uma túnica rosa que lhe recobre a quase totalidade do corpo. Os cabelos são castanhos, escorridos e ligeiramente puxados para a parte posterior da cabeça. As orelhas são enormes, quase desproporcionadas. Ambos os lóbulos estão furados. O nariz está equilibrado em relação ao rosto. É ligeiramente afilado e está desviado para a direita. A boca é pequena, com lábios suaves e bem talhados. Os olhos são exoftálmicos e o olhar estrábico vertical. O rosto prima essencialmente pelo equilíbrio dos seus elementos e pela perfeição do traço. A cabeça está virada para a esquerda.

No torác não há vestígios de mamas. Observam-se traços no calcário que teriam a função de delimitar vestes ou cores mas que não foram respeitados pelo pintor. Sob o decote do vestido em forma de V aparece uma camisa clara que atinge o arranque do pescoço.

O braço direito está flectido em ângulo de 90 graus, ao nível da articulação do cotovelo. Os dedos polegar e indicador da mão direita seguram o pé esquerdo do Menino, que está ao colo. Um grosso manto azul cobre o

braço direito. No antebraço temos a manga muito larga do vestido cor-de-rosa. A camisa, já referida, termina na articulação do punho. O dorso da mão é papudo e os dedos são longos.

O Menino assenta sobre o braço esquerdo. O manto azul não cobre este braço. A manga do vestido rosa chega a meio do antebraço e o seu perímetro é ainda superior ao do braço direito. A camisa branca também termina ao nível do punho. Os dedos são igualmente longos e a mão parece masculina. Sobre os dedos, ligeiramente abertos, assentam as nádegas do Menino.

Ao nível da cintura, existe um cinto talhado no calcário e daí para baixo o vestido rosa apresenta pregas.

A perna direita está ligeiramente flectida ao nível do joelho. O manto azul cobre totalmente a zona do baixo ventre e pernas, fazendo refegos em diversos pontos. O vestido rosa volta a aparecer ao fundo do manto azul. A ponta do sapato direito, de forma arredondada, aparece ao fundo do vestido. Não há vestígios da perna e pé esquerdos.

Todo o flanco direito do Menino está em contacto com a santa. O Menino é uma figura rechonchuda, de cabelo castanho ondulado, nariz arrebitado, boca pequena e olhos exoftálmicos. A mão e o antebraço direito repousam sobre o ombro esquerdo da Virgem. A mão esquerda segura uma bola azul, junto ao torax da Senhora. O pé esquerdo do Menino é seguro pela mão da Santa. A perna direita está flectida ao nível do joelho. O Menino veste uma túnica, azul-esverdeada, presa sobre o ombro direito, que lhe cobre a quase totalidade da região posterior, o abdómen e parte das coxas.

Na parte traseira da imagem existe um roço, com 0,45m de altura, 0,11m de largura e 0,095m de profundidade, que se inicia na base e atinge o nível do torax. Esta cavidade, desbastada de forma muito grosseira, foi realizada posteriormente à feitura da imagem, com o objectivo de a tornar mais leve.

A imagem tem a pintura muito degradada. Além das cores da última pintura, já referidas ao longo do texto, aparecem outras sob a camada superficial.

#### **4. Propostas de Estudo e Valorização Patrimonial**

Da plataforma do Castelo de Ródão avista-se uma magnífica paisagem na qual é possível observar traços de uma longa ocupação humana, desde o Paleolítico até aos tempos modernos. A Associação de Estudos do Alto Tejo começou a editar uma série de roteiros intitulados *Itinerários por Terras da Açafa*, o primeiro dos quais é dedicado a este sítio (CANINAS, HENRIQUES & GOUVEIA 1995).

Mas na área das Portas de Ródão também ocorrem endemismos botânicos e avifauna rara ou em riscos de extinção (10) de enorme importância, elementos que lhe conferem o estatuto de biótopo com interesse para a conservação da natureza (Programa comunitário CORINE Biótopos). A Associação de Estudos do Alto Tejo tem vindo a promover estudos naqueles domínios (COSTA 1989, 1992, ALVES 1995), principalmente com o apoio do Instituto da Juventude (delegação de Castelo Branco) e do Instituto Nacional do Ambiente/Instituto de Promoção Ambiental .

Nas Portas de Ródão e área envolvente foram observadas, em 1989-90 (COSTA 1992), 108 espécies de aves e documentada a nidificação de Bufo-real (*Bubo bubo*) e de Cegonha-preta (*Ciconia nigra*), bem como a presença frequente de Águia-cobreira (*Circaetus gallicus*), de Abutre do Egipto (*Neophron percnopterus*) e de Milhafre-preto (*Milvus migrans*)(11).

Em 1996, segundo informação do ornitólogo Helder Costa, nidificaram na área sete casais de grifo (*Gyps fulvus*) e foi documentada a presença de um casal de Águia de Bonelli (*Hieraaetus fasciatus*), o que reforça a importância ornitológica desta área.

A Associação de Estudos do Alto Tejo formulou, em diversos momentos, propostas de intervenção na área das Portas de Ródão. Fê-lo no texto da proposta de classificação do castelo e da capela e, mais recentemente, junto da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão tendo em vista a aplicação do Programa Leader.

Enumera-se seguidamente, e de forma sintética, um boa parte dessas medidas:

No castelo propõe-se: a realização de estudos da ocupação humana (intervenção arqueológica); a recuperação e valorização da torre (reconstrução dos cunhais, fecho do buraco térreo, regularização e consolidação do topo, montagem de um piso ao nível da porta e outro no topo, montagem de um acesso à torre, instalação de um sistema de observação de uso múltiplo - paisagem, avifauna e vigilância contra incêndios -, instalação de um painel explicativo sobre a avifauna observável); a recuperação da muralha (consolidação da muralha, montagem

de um acesso ao interior); a montagem de um passadiço envolvendo a muralha para circulação de visitantes; instalação no extremo sul do passadiço de um painel explicativo sobre a paisagem.

Na *capela* propõe-se: a realização de estudos da ocupação humana (intervenção arqueológica junto ao edifício); a recuperação da capela (reforço do telhado, recuperação e reforço das paredes, recuperação do antigo lageado, montagem de portas e janelas resistentes, instalação de mobiliário adequado, montagem de um altar-mor, recuperação do silhar de azulejos); a reabertura do templo ao culto e à festa.

Na *área envolvente do castelo e da capela* propõe-se a: realização de estudos da ocupação humana (intervenção arqueológica); a construção de um pequeno parque automóvel na área situada a norte da capela; o bloqueio da entrada de automóveis na rampa de acesso ao castelo; a instalação de uma pequena área de uso múltiplo (apoio às festas, actividades de animação e lazer, com esplanada na primavera-verão); instalação de uma unidade tipo quiosque para comércio e/ou posto de informação e vigilância; instalação de um painel explicativo sobre a capela e o castelo no terreiro anexo à capela.

Na *área das Portas e vales envolventes (de Vila Ruivas e da Senhora do Castelo)* propõe-se: a continuação de estudos de caracterização ambiental (flora e fauna) e rastreio periódico de espécies ameaçadas e endémicas; o fomento de práticas agrícolas tradicionais de acordo com o estatuto de protecção consigando no Plano Director Municipal; o apoio à reflorestação com espécies autóctones com fins de conservação e de produção.

## 5. Considerações Finais

Os valores patrimoniais presentes na área das Portas de Ródão são, como se viu, de enorme importância e diversidade, tanto no plano cultural como no natural (físico e biológico). As intervenções que venham a ser empreendidas nesta área não deverão ignorar a profunda interrelação existente entre estas duas realidades.

É indispensável tirar partido de alguns instrumentos financeiros disponíveis por forma a evitar uma maior degradação dos dois imóveis classificados, em particular o castelo, na perspectiva última da sua valorização.

É do maior interesse a realização de estudos arqueológicos e arquitectónicos no castelo por forma a conhecermos a génese daquela estrutura, as diferentes fases da sua utilização e o seu enquadramento regional.

O sítio das Portas de Ródão proporciona uma magnífica paisagem sendo um local muito visitado. O potencial de animação cultural/educação ambiental, e de turismo e lazer, que este espaço comporta deverá ser devidamente valorizado, integrando obrigatoriamente os patrimónios natural e construído ali presentes.

## Bibliografia

AEAT, 1992, Exercícios Militares nas Portas de Ródão, Alto Tejo, 12-13, Vila Velha de Ródão, p. 1-2.

ALORNA, Marquês de, Plano e Disposição para a Defesa da Fronteira entre o Tejo e o Douro desde Vila Velha ao Escalhão (1801).

ALVES, Rui, 1995, Estudo Fito-ecológico da Área das Portas de Ródão, relatório inédito.

CANINAS, João Carlos, HENRIQUES, Francisco e GOUVEIA, Jorge, 1995, Património Construído na Área das Portas de Ródão-Itinerários por Terras da Açafa, Associação de Estudos do Alto Tejo, folheto.

COSTA, Helder, 1989, Primeiro dados sobre a situação do Grifo (*G. fulvus*) e do Abutre-do-Egipto (*N. percnopterus*) na região de Ródão (Alto Tejo Português), 1º Encontro Ornitológico do Paúl de Tornada, Caldas da Rainha, p.51-56.

COSTA, Helder, 1992, Notas sobre a Observação de Aves nas Portas de Ródão e Zona Envolvente (Março de 1989 a Maio de 1990), Preservação, 13, p. 11-26, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

ESPÍRITO SANTO, Moisés, 1993, Origens do Cristianismo Português, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 225p.

Gazeta do Interior, 1995, nº316, 19 de Janeiro, Castelo Branco.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. 36, pp 27-33.

HENRIQUES, Francisco J. R., 1973, Mito e Realidade no Passado de Vila Velha de Ródão, Época Juvenil, 4 de Abril, Lisboa

HENRIQUES, Francisco, 1974a, Património Artístico Ignorado-Notável Frontal de Altar do Século XVII em Vila Velha de Ródão, Beira Baixa, 30 de Abril, Castelo Branco.

HENRIQUES, Francisco J. R., 1974b, Património Artístico Ignorado-Lendas, Portas de Ródão, 25 de Setembro, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco J. R., 1978, Património Artístico Ignorado-Portas do Tejo, Preservação, 2, Castelo Branco, p.2-3.

HENRIQUES, Francisco J. R. e CANINAS, J. C. Pires, 1980, Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, Preservação,3(1980), Vila Velha de Ródão, 67p.

HENRIQUES, Francisco J. R. e CANINAS, J. C. Pires, 1986, Nova Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, Preservação,7(1984), Vila Velha de Ródão, 74p.

HENRIQUES, Francisco e CANINAS, João Carlos, s/d, Proposta de Classificação do Castelo de Ródão e Capela da Senhora do Castelo, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão, 39p.

HORMIGO, José Joaquim M., 1983, A Beira Baixa vista por Artistas Estrangeiros (sécs. XVIII-XIX), Museu Francisco Tavares de Proença Júnior, Castelo Branco, 59p.

NUNES, António Lopes Pires, 1982, Torres de Vigia da Beira Baixa, Livro do Iº Congresso sobre Monumentos Militares Portugueses (Vila Viçosa), Lisboa, 164 p.

PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares de, 1910, Archeologia do districto de Castello Branco-1ª Contribuição para o seu Estudo, Leiria, 25 p.

RAPOSO, Luis, 1987, A Ocupação Humana Paleolítica do Vale do Tejo, em Território Português, Arqueologia no Vale do Tejo, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa, p. 10-16.

REIS, Alfredo, 1965, Porque não Restauramos o Castelo do Rei Wamba, Beira Baixa, 1 de Dezembro, Castelo Branco.

RIBEIRO, Orlando et all, 1965, Notícia Explicativa à Carta Geológica de Portugal (esc. 1: 25 000)-28B(Nisa), Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 29p.

ROSA, Gonçalo, 1995, Rumores no Bosque Mediterrânico, Forum Ambiente, nº11, Lisboa, p. 34-40.

SALVADO, Maria Adelaide Neto e SALVADO, Pedro Miguel, 1995, Rei Wamba-Espaço e Memória, Coimbra.

SANTOS, Valdez, 1977, A Ocupação Francesa de Junot segundo documentos existentes no Arquivo Histórico e Militar, Boletim do Arquivo Histórico Militar, vol. 36, Lisboa, pp 85-462.

SORIANO, Luz, História do Reinado de D. José I.

SOROMENHO, Paulo Caratão, 1965, Lendário Rodanense, Revista de Portugal, série A, vol. XXX, pp 430-447.

## Notas

\* membros da Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

(1) Na província de Caceres, cerca de 20 quilómetros a sul de Plasencia e junto da confluência do rio Tietar no Tejo, existe uma garganta quartzítica idêntica às Portas de Ródão com uma ocupação humana similar (um castelo e um santuário). Esta área está integrada no Parque Natural de Monfrague (v. ROSA 1995).

(2) A margem direita do rio Tejo no sítio da Revessa poderá ter funcionado como bebedouro natural para grandes mamíferos, em períodos mais secos, sendo sugestiva a localização próxima, também junto ao rio, do acampamento neandertalense da Foz do Enxarrique (v. RAPOSO 1987).

(3) A toponímia local, para além de Porto do Tejo, regista outros locais sugestivos como seja a Alfândega (v. HENRIQUES 1978).

(4) É o caso das Portas, de um penhasco a que chamam Cadeira da Rainha, de uma cavidade natural a que chamam Buraca da Moura, da mina da Faiópa, do castelo e da capela.

(5) É o caso das lendas dos Gigantes de Ródão, do Refúgio de Herodes, de Nossa Senhora do Castelo, do Juízo de Deus e da Maldição de Ródão (v. SOROMENHO 1965).

(6) O despenhamento está também presente nas festividades de Monsanto da Beira. Sacrifícios com despenhamento estão presentes em cultos mediterrânicos como é o caso dos Prantos de Adónis (v. ESPÍRITO SANTO 1993).

(7) Este território correspondia sensivelmente aos actuais concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, além de outras áreas situadas em ambas as margens do Tejo internacional (Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Cedillo e Herrera de Alcantara).

(8) Poderá ter existido na área um povoado proto-histórico. PROENÇA JÚNIOR (1910) refere a existência de um "castro luso-romano" por cima das Portas de Ródão. A toponímia local regista o sítio do Castelo Velho num pico de crista localizado cerca de 380m a noroeste do castelo. Visitámos o local mas ainda não encontramos, à superfície, artefactos que confirmem aquela hipótese.

(9) A torre do castelo de Idanha-a-Velha apresenta sobre a janela do primeiro andar um bloco de configuração rectangular com cinco linhas insculpidas, semelhante ao do castelo de Ródão.

(10) Em 1992 a Associação fez diligências junto do Ministério a Defesa tendo em vista impedir, ou condicionar, a realização de exercícios militares com escalada, nas Portas de Ródão, pelo menos durante o período de nidificação da avifauna mais sensível (AEAT, 1992).

(11) Com base nesses estudos a Associação pretende promover a classificação das Portas de Ródão como monumento natural, e defende uma melhor articulação desta área com o Parque Natural da Serra de São Mamede e com a futura área protegida do Tejo internacional.